

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: XVROOPYR

Data: 05.04.84

Pg.: _____

ÍNDIOS



Índio xavante encosta sua borduna no peito do policial. Uma prova de que não o teme

Juruna acusa presidente do Incra de ser invasor

Por BEATRIZ DORNELLES
Sucursal Brasília/ZH

O xavante Aniceto Tsudiavare, do Mato Grosso, decidiu, ontem, durante o encerramento do II Encontro Nacional dos Povos Indígenas, que, se até amanhã o presidente Figueiredo não assinar a demissão do atual presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), admitindo em seu lugar o ex-superintendente do órgão, Pedro Paulo Fatorelli Carneiro, fará uma vigília em frente ao Palácio do Planalto, juntamente com mais dez índios, que servirão de segurança, e um cacique. Disse Aniceto que se o ministro Andreazza não tomar providência "para cortar a orelha do presidente da Funai", não irá embora de Brasília, "mesmo que seja preso". Frisou, no entanto, que "não irá combater a polícia", porque não veio à Capital federal com este objetivo.

Também ficou decidido, após os debates, que a Comissão do Índio irá tentar, de todas as maneiras, vetar o Código Civil que considera o índio totalmente incapaz; vetar o projeto do deputado João Batista Fagundes, que determina a emancipação do índio; derrubar o Decreto-lei que permite a entrada de empresas privadas nacionais e multinacionais nas reservas indígenas para a exploração mineral, e se colocar contra a intervenção de militares em caso de conflitos de terra entre índios e fazendeiros.

Invasores

No encerramento do encontro, um incidente envolveu os indígenas e o presidente da Comissão de Relações Exteriores, deputado Diogo Nomura (PDS-SP). A reunião de ontem à tarde estava marcada para as 14 horas, no Auditório Nereu Ramos. Entretanto, a sala foi ocupada por sindicalistas que pretendiam discutir as "Diretas já". Desta forma, o deputado Amaury Müller, quarto secretário da Câmara dos Deputados, procurou o presidente da Comissão do Índio, deputado Mário Juruna, a fim de saber se ele concordaria que os índios se reunissem na sala da Comissão de Relações Exteriores. O deputado Juruna atendeu o pedido sem nenhuma restrição e pediu que seu secretário, Marcos Terena, iniciasse a reunião imediatamente, pois já estava com um atraso de duas horas.

Nesse meio tempo os índios já estavam acomodados na sala designada e Marcos Terena, ao chegar no local, tentou iniciar a reunião. Nesse momento, o deputado Diogo Nomura se dirigiu à mesa para dizer que a reunião não seria iniciada sem a presença do deputado Juruna. Além disso, exigiu que os

indígenas o aguardassem no lado de fora, nos corredores, e proibiu que qualquer cacique sentasse na mesa da comissão, onde fica o presidente da reunião. Os índios não gostaram mas se retiraram calmamente, sem causar nenhuma confusão. Entretanto, o deputado Mário Juruna, tomando as dores pela comunidade, não deixou que o incidente passasse despercebido.

Deu início à reunião e fez severas críticas à atitude do companheiro, dizendo que nenhum índio obedecesse o deputado, porque nem brasileiro era: "Como é que Juruna vai obedecer um estrangeiro invasor. Quem manda no Brasil é o deputado Juruna e não aceito que homem nenhum pise em mim". Afirmou, ainda, que "não tem papas na língua, por isso não aceita que estrangeiro mande no Brasil — presidente do Incra é japonês; presidente da Petrobrás é japonês, todos são invasores".

Reforçando as palavras de Juruna, um cacique tomou a palavra e frisou que "se os índios não podem entrar no Congresso Nacional, o deputado Diogo Nomura não pode estar ali, porque não é nem brasileiro, é um invasor japonês".

Políticos e indígenas

Durante o encontro de ontem, diversos indígenas do País e do exterior, além de vários parlamentares, tiveram a oportunidade de se manifestar, dizendo acusações e reivindicações para a comunidade indígena. O tupi-guarani Luiz Duarte, do Paraguai, também secretário executivo da Associação Indígena do Paraguai, fez um pronunciamento pedindo que o povo brasileiro seja mais humano e ajude a causa dos índios. Segundo relatou, os indígenas de seu país estão melhor organizados a nível de comunidade regional e nacional. Lá existe um conselho indígena nacional que mantém uma atuação de grande importância para a raça.

Também contou que mais de 3 mil índios estão nas escolas, sendo que 300 no curso secundário, e três nas universidades.

Por outro lado, o cacique xulqulla, da nação Kolla, Frederico Onteveros, da Argentina, falou sobre a importância do encontro, que contribui para um movimento de libertação das nações americanas: "Na América, mesmo em seu país, não existe liberdade, porque um povo que oprime outro não pode ser livre". E lembrou palavras do líder indígena Inka Jupankin, dos Andes.

Os deputados Nadir Rosseti e Amaury Müller fizeram pronunciamentos, manifestando-se solidários à luta indígena. Rosseti lamentou que o presidente da Funai não tenha recebido, pela manhã, o deputado Mário Juruna, a quem estava acompanhando, e lem-

brou que ele deveria estar presente neste encontro, comandando o movimento dos índios. O deputado Amaury Müller elogiou o comportamento exemplar dos índios e pediu desculpas pelo procedimento do presidente da Comissão de Relações Exteriores.

Funai protegida

O cerco policial ao prédio da Funai, solicitado por dirigentes do órgão, temendo uma invasão dos 370 índios que participam de seu segundo encontro nacional, na Câmara dos Deputados — foi reforçado, ontem, quando 20 xavantes chegaram ao local, quase gerando um conflito entre índios e policiais. Nervoso, o cacique xavante Aniceto, que chefiava a delegação, chegou nas primeiras horas da manhã à Funai, exigindo a saída dos policiais e ameaçando retirá-los à força, afirmando que os índios que o acompanhavam também eram guerreiros.

O episódio foi contornado quando o presidente Otávio Ferreira Lima, da Funai, recebeu Aniceto — de quem ouviu que os índios não pretendem invadir a fundação — e justificou que havia sabido, pela imprensa, que eles planejavam uma invasão. O policiamento, no entanto, não foi retirado.

Estudo do Governo

O porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, disse ontem que foi instituído um grupo de trabalho composto pela Funai, Incra e governo de Mato Grosso para estudar e estabelecer uma posição do Governo frente às reivindicações dos índios Txucarramae do Parque do Xingu. Depois de examinar a questão, o grupo decidirá se envia ou não um representante para conversar com os índios.

O ministro extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, disse que a reivindicação dos índios de uma nova demarcação de terras na região do Xingu ainda não foi colocada à apreciação do Ministério.

Segundo ele, o assunto continua na esfera do Ministério do Interior e da Funai, que está se empenhando para encontrar uma solução para a região dos índios do Xingu.

O ministro do Interior, Mário Andreazza, disse em relação ao movimento dos índios Txucarramae do Parque do Xingu, que o processo de negociação entre os índios e a Funai costuma ser demorado nesses casos, mas sempre se chega a uma solução. Segundo explicou o ministro, ao sair da reunião do Conselho Monetário Nacional, a negociação não é rápida porque envolve diversas outras partes além da Funai, como o Incra e fazendeiros da região.